



Unidade: *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett

Sistematização de conhecimentos | I

1. A “Memória ao Conservatório Real”

Este texto, escrito por Garrett ao Conservatório Real de Lisboa, antes da apresentação pública da peça, é um texto de reflexão sobre a Literatura, o Teatro e a função do artista na sociedade, que contribui para entender melhor o pensamento e os objectivos do autor do *Frei Luís de Sousa*. E neste sentido, importa reter alguns momentos mais ilustrativos deste texto ilustrativos:

- . Preocupação de valorizar a cultura nacional, a sua história e tradições;
- . Afirmção da independência e liberdade do criador, perante diferentes tipos de limitações, desde as classificações literárias à veracidade histórica,
- . Expressão de originalidade, ao afastar-se dos antigos e modernos, ou melhor, ao conciliar o que de melhor encontrava nos clássicos com a actualidade da sua escrita;
- . Defesa da missão pedagógica e cívica do artista.



2. Classificação da Obra:

«Esta é uma **verdadeira tragédia** - se as pode haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes. [...]” **NO ENTANTO**, «Contento-me para a minha obra com o **título modesto de drama**; só peço que a não julguem pelas leis que regem, ou devem reger, essa composição de forma e índole nova; porque a minha, se **na forma desmerece da categoria**, pela **índole** há-de ficar pertencendo sempre ao **antigo género trágico**. [...]»

Almeida Garrett, *Memória ao Conservatório Real de Lisboa* (lida em 6 de Maio de 1843)



2.1. Quanto ao CONTEÚDO, é uma **TRAGÉDIA**:

- . Número de PERSONAGENS diminuto: um pai (D. Manuel de Sousa Coutinho) uma mãe (D. Madalena de Vilhena), uma filha (Maria), um criado (Telmo Pais), um frade (Frei Jorge) e um Romeiro que apenas aparece em duas cenas);
- . O **DESAFIO** das prepotências divinas e humanas (a **hybris**): Madalena casa pela 2ª vez sem ter a plena certeza da morte do seu primeiro marido, desafiando assim as leis sagradas do matrimónio; Manuel de Sousa incendeia o seu palácio afrontando o poder político e o domínio filipino; maria revolta-se contra a decisão final dos pais, contra Deus e as leis do matrimónio.
- . O **CONFLITO (Agon)** interior, de consciência de Madalena e o conflito com outras personagens no caso de Telmo;
- . A Presença do **SOFRIMENTO** (o **pathos**) que se vislumbra logo na primeira cena e que cai gradualmente (**climax**) sobre Madalena, atingindo todas as restantes personagens
- . **INCAPACIDADE DE LUTAR** contra essa fatalidade contra essa fatalidade (se pudessem e assim conseguissem mudar o rumo dos acontecimentos, a peça seria *um drama*). Os protagonistas limitam-se a aguardar, impotentes e cheios de ansiedade, o desfecho que se afigura cada vez mais pavoroso;
- . A **PERIPÉCIA** (súbita mutação dos acontecimentos): alteração provocada pela chegada de D. Manuel com a decisão de incendiar o palácio; alteração provocada pela chegada do Romeiro);
- . O **RECONHECIMENTO** (a **agnorisis**): a identificação do Romeiro;
- . A **CATÁSTROFE (katakastrophé)** causada pelo regresso de D. João de Portugal: desonra = morte moral / morte psicológica / morte física;
- . As semelhanças com o **CORO GREGO**: Telmo, dizendo verdades duras à protagonista, e Frei Jorge, tendo sempre uma palavra de conforto, parecem o *coro grego*.

2.2. Quanto à **FORMA** e à presença de **DETERMINADAS CARACTERÍSTICAS** próprias do Romantismo é um **DRAMA ROMÂNTICO**:

- . Não é em verso, mas em prosa («...repugnava-me também pôr na boca de Frei Luís de Sousa outro ritmo que não fosse o da elegante prosa portuguesa que ele, mais do que ninguém, deduziu com tanta harmonia e suavidade.»);
- . Não tem cinco actos (mas 3 actos);

. Não respeita as unidades de tempo e de lugar;
 . Não tem assunto antigo;
 . A linguagem é adequada à realidade quotidiana das personagens: fluente, entrecortada com reticências, exclamações, interrogações, elipses, anacolutos, repetições, aproximando-se do tom coloquial, retratando os movimentos afectivos das almas e o ritmo dos impulsos da consciência. E, por isso, tão diferente do tom altivo e abstracto da linguagem clássica.

. **Crença no sebastianismo** (O Mito sebastianismo está espalhado por toda a obra. Logo no início (1,2), Madalena diz a Telmo: «mas as tuas palavras misteriosas, as tuas alusões frequentes a esse desgraçado D. Sebastião...»);

. **O tema da morte** (entendida para os Românticos como a melhor solução para os conflitos): Morte psicológica de Madalena e Manuel e morte física, em cena, de Maria;

. **Crença em agouros, em dias aziagos, em superstições;**

. As **visões de Maria, os seus sonhos e o seu idealismo patriótico;**

. O «**titanismo**» de Manuel de Sousa incendiando a casa só para que os Governadores do Reino a não utilizassem;

. O **Individualismo**, acentuado pelo confronto entre o indivíduo e a sociedade, entre o código moral estabelecido e o desejo de ser feliz) e presente na atitude que Maria toma no final da peça ao insurgir-se contra a lei do matrimónio uno e indissolúvel, que força os pais à separação e lhos rouba: Amor/Indivíduo *versus* Sociedade

. O espírito cristão, redentor de uma condenação irremediável.

Fonte: http://faroldasletras.no.sapo.pt/frei_luis_de_sousa.htm

**FREI LUIS DE SOUSA: Entre o Clássico e o Moderno:
 TRAGÉDIA MODERNA / TRAGÉDIA de natureza SIMBÓLICA-PATRIÓTICA**

3. As personagens

As personagens, em número reduzido, estão relacionadas umas com as outras de modo surpreendente e formam um todo fechado, ou seja, uma **família**. E neste sentido, pode-se dizer que a família é uma espécie de personagem do drama. No entanto, para além de a construção das personagens ter em conta o conceito de família, a verdade é que estas estão nitidamente orientadas para um **acontecimento final** que corre para a **ruína iminente**.

D. Madalena de Vilhena	<ul style="list-style-type: none"> • nobre: <i>família e sangue dos Vilhenas (1, 8); o “epíteto de “dona” só se dava no séc. XVII às senhoras da aristocracia;</i> • sentimental: <i>deixa-se arrastar pelos sentimentos muito mais do que pela razão;</i> • pecadora: <i>o nome “Madalena” evoca a figura bíblica da pecadora com o mesmo nome;</i> • torturada pelo remorso do passado: <i>não chega a viver o presente por impossibilidade de abandonar o passado;</i> • redimida pela purificação no convento: <i>saída romântica para a solução dos conflitos;</i> • modelo da mulher romântica: <i>para os românticos, a mulher ou é anjo ou é diabo;</i> • personagem modelada: <i>profundidade psicológica evidente; capacidade de gerir conflitos (1, 7).</i> • marcada pelo destino: <i>amor fatal ligada à lenda dos amores infelizes de Inês de Castro (1,1)</i>
Manuel de S. Coutinho	<ul style="list-style-type: none"> • nobre: <i>cavaleiro de Malta (só os nobres é que ingressavam nessa ordem religiosa) (1, 2 e 4)</i> • evoca o nome bíblico de Emanuel (Deus conosco): <i>paz de consciência; desprendimento dos bens materiais e da própria vida (1, 11)</i> • racional: <i>deixa-se conduzir pela razão no que contrasta com sua mulher;</i> • bom marido e pai terno (II, 7, I, 4); • corajoso, audaz e decidido (I, 7, 8, 9, 19, 11, 12; III, 8) • marcado pelo Destino (I, 11; II, 3 e 8) • encarna o mito romântico do escritor: <i>refúgio no convento, que lhe proporciona o isolamento necessário à escrita.</i>

<p>D. João de Portugal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • nobre: <i>família dos Vimiosos (I, 2);</i> • cavaleiro: <i>combate com o seu rei em Alcácer Quibir (II, 2);</i> • evoca o nome bíblico de João (<i>grande apóstolo</i>); • ama a Pátria e o seu Rei; • representante da época de ouro portuguesa; • imagem da Pátria cativa; • ligado à lenda de D. Sebastião (<i>I, 2</i>);
<p>D. Maria de Noronha</p>	<ul style="list-style-type: none"> • nobre: <i>sangue dos Vilhenas e dos Sousas (I, 2); o epíteto de “dona bela” (I, 2);</i> • precocemente desenvolvida, física e psicologicamente: (<i>I, 2, 3 e 6</i>); • doente: <i>tuberculose, a doença dos românticos;</i> • culto de Camões: <i>evoca constantemente o passado (II, 1);</i> • culto de D. Sebastião: <i>martiriza a mãe involuntariamente (II, 1);</i> • poderosa intuição e dotada do dom da profecia (<i>I, 4; II, 3; III, 12</i>); • marcada pelo Destino: <i>a fatalidade atinge-a e destrói-a (III, 12);</i> • encarnação da “Menina e Moça” de Bernardim Ribeiro (<i>II, 2</i>); • modelo da mulher romântica: <i>a mulher-anjo bom.</i>
<p>Telmo Pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • não nobre: <i>escudeiro;</i> • ligado <i>sempre à nobreza;</i> • confidente <i>de D. Madalena;</i> • elo <i>de ligação das famílias;</i> • chama viva do passado: <i>alimenta os terrores de D. Madalena;</i> • desempenha três funções do coro das tragédias clássicas: <i>diálogo, comentário (apartes) e profecia (agouros);</i> • <i>ligado à lenda romântica sobre Camões.</i>

FREI Jorge Coutinho: irmão de Manuel de Sousa, amigo da família e confidente nas horas de angústia. Vai ter um papel importante na identificação do Romeiro.

Fonte: Guerra, João; Vieira, José (1998) *Manuel Aula Viva, 11º ano - Português B*. Porto Editora, p. 216.

4. O Mito Sebastianista

Lenda ou mito que assenta sobre uma fé visionária e messiânica: crença na vinda de um herói que regenere a nação



4.1. A Construção do Mito

«[...] Veio depois a derrota de Alcácer Quibir e o desaparecimento do Rei (1578). A nação caiu sob o domínio castelhano. A literatura chorou, com a perda de D. Sebastião, o desfazer das esperanças desmedidas, a ruína dum povo que, havia pouco, deslumbrara o mundo com os Descobrimentos e a criação de um grande Império. [...] Foi então que surgiu, como instintiva reacção, o sebastianismo. Julgou-se que só a fé visionária poderia salvar-nos. Na **primeira metade do séc. XVI** vários pretensos profetas, desafiando os rigores da Inquisição, haviam aliciado adeptos, nomeadamente cristãos novos. Entre esses «profetas» contava-se Gonçalo Anes, de alcunha «o Bandarra», sapateiro de Trancoso (Beira Alta), homem cujas trovas, largamente divulgadas, se tornariam «o evangelho do sebastianismo». O Bandarra tinha-se inspirado na Bíblia para verberar a corrupção da época e fazer obscuras predições, entre as quais, parece, estavam a da conquista de Marrocos, a da derrota dos Turcos e a do Quinto Império. [...]. Durante o séc. XIX, o sebastianismo foi passando da esfera política para os domínios literário e culturológico. O sonho heróico de D. Sebastião, a sua morte na batalha, o mito do seu regresso e a quimera do Quinto Império inspiram poetas e prosadores. [...] No *Frei Luís de Sousa* de Garrett, é Telmo, o velho criado, quem associa à fé no retorno do Rei a convicção de que D. João de Portugal, seu amado amo, um dia aparecerá.»

Outros autores, entre os quais Padre António Vieira (séc. XVII), viram o Encoberto em outros reis, que construiriam o Quinto Império. É uma literatura político-messiânica, que se fortaleceu ainda no início do século XX com o movimento literário “Saudosismo” (liderado por Teixeira de Pascoaes) e depois por Fernando Pessoa, sobretudo na “Mensagem”. Mesmo na actualidade, o sebastianismo é explorado literariamente (ex: Manuel Alegre).

Fonte: Coelho, Jacinto do Prado, DICIONÁRIO DE LITERATURA in http://faroldasletras.no.sapo.pt/frls_sebastianismo.htm

4.2. A Permanência do Mito

«O Sebastianismo evoluiu para simples **PATRIOTISMO** e os Sebastianistas identificaram-se com os **opositores da União Ibérica**. O Sebastianismo enraizou-se no espírito nacional como traço característico, poderoso fermento de reacção em momentos agudos de crise.»

Fonte: Jacinto Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*

4.3. Frei Luís de Sousa e o Mito Sebastianista ou a mensagem Anti-Sebastianista

« No *Frei Luís de Sousa*, o mito sebastianista alimenta, desde o início, o conflito vivido pelas personagens, na medida em que a admissão do regresso de D. Sebastião implicava idêntica possibilidade da vinda de D. João de Portugal, que combatera ao lado do rei na batalha de Alcácer Quibir, o que, desde logo, colocaria em causa a legitimidade do segundo casamento de D. Madalena. Não é inocente, nem fruto do acaso, o facto de Garrett ter concebido que Madalena aparecesse em cena justamente a ler *Os Lusíadas*. Efectivamente, tal facto está também associado ao mito sebastianista que, deste modo, marca a obra desde o seu início.

Quem se encarregará, pois, de dar corpo a tal mito? Telmo Pais, o velho aio de D. João e em cuja morte não acredita, e **Maria**, filha de D. Madalena de Vilhena e de Manuel de Sousa Coutinho, educada por Telmo.»

Fonte: in http://faroldasletras.no.sapo.pt/frls_sebastianismo.htm

PORÉM,

No *Frei Luís de Sousa*, Garrett também faz põe em evidencia os seus efeitos catastróficos do “Sebastianismo”, e neste sentido, poder-se-á falar numa mensagem anti-sebastianista:

«No Sebastianismo, como ele é representado no Frei Luís de Sousa por Telmo e Maria, reside não somente a crença em que o Rei ao voltar (o “Encoberto”) conduzirá a uma época de brilho em Portugal. Infiltraram-se nele concepções messiânicas mais antigas e relativas ao fim próximo do mundo. [...] O Regresso que se realiza do Frei Luís de Sousa é, visto de lá, - e temos de o ver assim, segundo a vontade da própria obra -, um anti-regresso. Não leva à redenção, mas à catástrofe, e não a uma “graça”, mas sim a uma “desgraça”. O nimbo messiânico à volta do mito sebástico para à volta do regresso destruidor de D. João de Portugal.»

Fonte: W. Kayser, *Análise e Interpretação da obra literária* in *Manual Plural*, 11º ano, Lisboa Editora, p. 111.

ABAIXO EL-REI SEBASTIÃO

É preciso enterrar el-rei Sebastião
é preciso dizer a toda a gente
que o Desejado já não pode vir.
É preciso quebrar na ideia e na canção
a guitarra fantástica e doente
que alguém trouxe de Alcácer-Quibir.

Eu digo que está morto.
Deixai em paz el-rei Sebastião
deixai-o no desastre e na loucura.
Sem precisarmos de sair o porto
temos aqui à mão
a terra da aventura.

Vós que trazeis por dentro
de cada gesto
uma cansada humilhação
deixai falar na vossa voz a voz do vento
cantai em tom de grito e de protesto
matai dentro de vós el-rei Sebastião.

Quem vai tocar a rebate
os sinos de Portugal?
Poeta: é tempo de um punhal
por dentro da canção.
Que é preciso bater em quem nos bate
é preciso enterrar el-rei Sebastião.

Manuel Alegre

